

APRESENTAÇÃO

Cornelia Eckert¹

Diversas e complexas são as experiências temporais configuradas nas memórias sociais de habitantes, agentes, atores, sujeitos, pessoas nos espaços urbanos praticados. Estas diversidades e estas complexidades são concebidas em estudos etnográficos, em pesquisas qualitativas com potencial interpretativo, analítico e crítico dessas rítmicas da vida cotidiana tendo por referência o campo da antropologia como área de conhecimento. Esta é, em suma, a motivação para organizar este número da revista *Illuminuras*.

Os lugares, os espaços, os pedaços, os territórios, denotam as ambiências e contextos dos acontecimentos do fluxo da vida. Em uma cidade estas categorias de entendimento são concebidas por dimensões territoriais de conotação administrativa política que acompanham o percurso da formação das cidades ocidentais como centro, periferia, mundo público ou mundo privado, vias de deslocamento, zonas de abastecimento, comerciais, distritos industriais ou financeiros e os *loci* residenciais com as moradas horizontais ou verticais. As lógicas administrativas, de modo geral, dinamizam as identidades emblemáticas das ruas e dos bairros, das praças e de outras territorialidades que orientam o mapa e os traçados urbanos.

Um habitante pode viver talvez alheio ao processo de pertença territorial boa parte de sua vida. Mas quando realizamos etnografias profundas nos espaços habitados e vividos podemos revelar situações de conflitos, de resistência, de movimentos, de trocas, de organização de redes sociais, de sociabilidades que desfazem as primeiras impressões apressadas de uma possível apatia, indiferença ou descaso. Os estudos em populações pobres, por exemplo, com frequência desvendam as lutas e mobilizações orgânicas ou motivadas por órgãos competentes com o propósito de reivindicar condições de vida mais digna. Nestes universos, podemos conhecer trabalhos universitários de colaboração com inúmeros projetos e ações comunitárias.

Os espaços acomodam experiências temporais de ordem simbólica profunda: mundos sensíveis, memórias afetivas, imaginários oníricos, relações geracionais, lembranças de ciclos de vida, apostas de enraizamento afetivo, enfim, muitas podem ser as razões simbólicas de acomodação subjetiva em uma territorialidade.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Objetivamos trazer, esta pluralidade de situações e episódios observados, interpretados e analisados.

Os artigos que abrem esta revista resultam de etnografias em contextos citadinos junto a trabalhadores urbanos. Podemos dizer que nestes artigos, o valor trabalho relacionado com a biografia de habitantes urbanos pode ser definido como sendo o denominador comum dos cinco primeiros artigos, compondo um módulo. Rio Grande do Norte, Pará, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo são estados contemplados nas etnografias densas que aportam estes estudos em diversas cidades.

“Do trabalho à memória: um ensaio sobre a identidade dos mineradores e o processo” é o artigo de Ângela Bezerra sobre uma comunidade de mineradores da scheelita que conhece o ciclo do auge da produção de construção das estruturas urbanas para atender uma demanda econômica internacional, no século XX. E isto no Sertão do Seridó, região central do Rio Grande do Norte, no município de Currais Novos. A autora relata a trajetória da cidade entrelaçada a biografia das famílias, seja a patriarcal, seja a dos trabalhadores. A etnografia na cidade interiorana, nos bairros, nas ruas, é densificada pelas relações prolongadas no local junto as famílias e seus descendentes, se tornando, a autora, guardiã dessa memória, restituindo seu trabalho com a dissertação e um filme compartilhado.

O artigo seguinte, de Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da Rocha tem por título “Das mãos, o sapato. Das Palavras, o tempo: uma etnografia nas ruas e bairros de Belém-PA”. As ruas de Belém são agora ritmadas pelo trabalho dos sapateiros e o etnógrafo relata seus percursos nestes lugares de práticas tradicionais e de projetos de inovações na profissão de personagens que colaboram com suas narrativas e confiança no consentimento da imagem. Mudanças de espaços orientam experiências geracionais diferenciadas devido as transformações econômicas no tempo histórico. Narrar as trajetórias destes sapateiros é configurar a vida cotidiana na cidade de Belém em especial nos bairros Batista Campos e Campina.

“Patrimônio, trabalho e tempo: o ‘novo’ mercado municipal do Rio de Janeiro”, de Nina Pinheiro Bitar, é o terceiro artigo deste número temático. Consiste em uma densa etnografia realizada no Centro de Abastecimento do Estado da Guanabara (Cadeg), no Rio de Janeiro. Um mercado que segue a tradição de outros, já demolidos. Ritmo dado pelos movimentos das transformações urbanas na cidade do Rio de Janeiro. Muitos dos trabalhadores são oriundos destes outros lugares e a autora tece estas redes e biografias. O novo mercado também pulsa na

cidade e esta o dinamiza. A etnógrafa escuta as memórias destes lugares, destas pessoas e interpreta seus imaginários, traça seus projetos de vida, uma diversidade do viver dos comerciantes, familiares, empregados, clientes, tomados sob diferentes pontos de observação e de escuta.

Já sobre o cotidiano em Salvador, Bahia, trazemos “Antropologia dos espaços urbanos e de sua produção” de Urpi Montoya Uriarte. Após construir uma linhagem relacionando a antropologia da cidade e a antropologia do espaço o autor identifica micro-parcelas, micro-espaços em que observa o trabalho de “homens ordinários” em suas lutas cotidianas de trabalho. Suas biografias e trajetórias de trabalho se cruzam com estes pequenos lugares em que a sociabilidade com moradores e clientes implica em confiança e aceitação deste movimento de contra-uso às normatizações do espaço prescritas pelas regras de ocupação urbana ditadas pelas ordens racionais de Estado.

Por fim, ainda no módulo etnografia na cidade acalentada pelo valor trabalho em que vibra a memória destes trabalhadores, apresentamos o artigo de Rafael Simões Lasevitz, “Máquinas de costura e máquinas de escape: três narrativas de fuga e a criação de um espaço-tempo boliviano em São Paulo”. A interlocução do autor é com a comunidade boliviana que vive em São Paulo e trabalha na prática da costura. A saga da imigração é contemplada no diálogo com trabalhadores bolivianos que narram seus esforços de desterritorialização ao país de origem e construção de um projeto libertário da imigração. A inserção na metrópole brasileira se dá em múltiplos bairros, onde há trabalho. Esta determinação não possibilita uma relação direta entre espaço de trabalho e grupo étnico espacialmente localizado. As possibilidades de viver a comunidade são agora nos tempos de lazer e, mesmo assim, as narrativas mostram as dilacerações singulares nas biografias dos trabalhadores.

A guinada temática para os próximos três artigos refere-se a questões de dimensão política na vida cotidiana de habitantes que conhecem as determinações socioeconômicas da segregação, discriminação e carências sociais em Fortaleza (Ceará), em Porto Alegre (Rio Grande do Sul) e em São Carlos (São Paulo). Este módulo enriquece esta revista com estas experiências de antropologia aplicada e reflexão de antropologia política.

“Participação e impotência: a busca pela esperança na periferia de Fortaleza, Brasil”, é um artigo dos antropólogos americanos Donald R. Nelson e Timothy J. Finan. Descrevem, os autores, a experiência de um projeto de antropologia aplicada desenvolvida nos últimos anos na

cidade de Fortaleza, Ceará, mais precisamente nos bairros Canindezinho e Bom Jardim, dois dos cinco bairros que fazem parte do Grande Bom Jardim. Esses são dois dos bairros da cidade que possuem os mais baixos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH). O artigo analisa as mazelas das estruturas de relações políticas na trajetória histórica do país, em especial as relações clientelísticas relativas aos processos eleitorais que sustentam e se sustentam a partir de mandos locais. As formas inovadoras de participações orçamentárias nas conjunturas democráticas atuais não se livraram destas práticas disjuntivas. Nesta ambiência o artigo apresenta a introdução descrita pelos autores como “alternativa participativa para o sistema clientelista baseada no mapeamento comunitário como uma ferramenta de planejamento”. O projeto intitula-se PROVOZ (Projeto Voz de Todos) e é desenvolvido em parceria com a Universidade Federal do Ceará e apoiado por uma fundação de amparo à pesquisa. O projeto promove a formação de NUAPs (Núcleos de Aproximação) que objetiva desenvolver vínculos entre a comunidade e instituições municipais no atendimento de demandas e, desta forma, “oferecer um canal para dar voz à população, que tem sido por tanto tempo sufocada e silenciada, estabelecendo oportunidades para as pessoas ouvirem e serem ouvidas, e dessa forma criar um senso de comunidade enquanto as mais escandalosas formas de clientelismo são subvertidas”, dizem os autores. As atividades do núcleo incluem uma série de oficinas abrangendo o uso de fotografias tiradas pelos participantes da comunidade que câmeras descartáveis. A fotografia se situa então e tema de debates e reflexões.

O artigo que segue intitula-se “Quando Raça se Evidencia no Espaço: Apontamentos desde uma Vila em Porto Alegre” da autora Jacqueline Britto Pólvora. A partir de um estudo etnográfico realizado em Porto Alegre no início dos anos 2000, mais precisamente em bairros, ruas, vielas e recantos na entrada da cidade na região norte, a autora trata do tema que tensiona questões de habitação com a de raça. Como orienta a autora, o artigo “revisita a pesquisa de campo realizada em 2003 quando da implementação da primeira fase do Programa Integrado Entrada da Cidade (doravante PIEC), junto ao programa de reurbanização de uma área de vilas em Porto Alegre”, estudo de sua tese de doutorado. Se destacam os problemas habitacionais de famílias negras em bairros periféricos. O conflito latente é desvendado pela reflexão sobre o pertencimento racial, fator que exacerba a segregação e problematiza a questão étnica naquele espaço. O estudo nos provoca a reconhecer a geografia racial destes espaços periféricos na cidade de Porto Alegre que desvenda as desigualdades raciais presentes nos espaços urbanos.

O artigo que segue, de Diogo M. Tufari, denomina-se “Interfaces entre estado e economia solidária em um bairro de periferia urbana”. Em uma experiência em que atua como técnico na Universidade de São Carlos, age em uma região periférica nesta cidade, mais especificamente na favela do Gonzaga. Relacionada a ação da economia solidária bem como atuações multifacetadas do estado. O autor relata a experiência de intervenção da Incubadora Regional de Cooperativas Populares da UFSCAR com a meta de fomentar a organização de cooperativas de produção e de serviço pautadas pelos principais da Economia Solidária. A partir de 2008, o autor se insere no bairro e descreve a experiência de ação participativa.

Os três próximos artigos são narrativas de experiências de deslocamento em ambiências urbanas. Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha interpretam um mergulho denso no bairro Kreuzberg em Berlim ocorrido em 2013, em que caminhar na ambiência do bairro é desvendar camadas de tempos descontínuos, críticos e complexos. Daí o título “Ressonâncias de sobreposições temporais: etnografia no bairro Kreuzberg, Berlim (Alemanha)”. A narrativa etnográfica (escrita e fotográfica) resulta do exercício de etnografia de rua e da coleção de imagens trabalhadas pelas autoras no projeto Banco de Imagens e Efeitos Visuais (PPGAS, UFRGS).

Já Roberta Simom, em “Performances da cultura visual e de eventos no processo de revitalização urbana no Distrito Criativo de Porto Alegre, relata a experiência de passeios artísticos em Porto Alegre, mais especificamente na territorialidade identificada por Quarto Distrito. Esta atividade e outras, são promovidas por uma agência voltada à economia criativa que atua em bairros que sofrem drasticamente com os processos de desativação da vida industrial e comercial, que tiveram seu apogeu em décadas do século passado.

“Entre a rua e o bairro: etnografia de um espaço em movimento” apresenta a região da Lapa viva na memória rememorada de comerciantes, habitués, personagens que em suas narrativas temporalizam aquele lugar em suas dinâmicas, conflitos, trocas e agências. A autora Natalia Fazzioni etnografa este universo entre 2006 e 2012 o que lhe permite reconhecer os movimentos de transformação, de intervenção de políticas urbanas e o fluxo cotidiano dos habitantes neste território.

Porto Alegre ou Paris, a ação imaginante e criativa dos autores nos próximos três artigos, que fecham os módulos temáticos, nos provoca com a variação de estilos para testemunhar camadas semânticas que interpretam o viver de habitantes na vida cotidiana.

A arte de viver a cidade em “Beco do Rosário: espaço e sociabilidades de um beco da antiga Porto Alegre” ganha toda sua força com os desenhos de Ana Luiza Koehler, artista que evoca em seus traços as formas sensíveis de ser e estar em Porto Alegre. Valéria Aydos interpreta esta criatividade inovadora da história em quadrinhos, que ambienta os anos 1910.

A história contada pela autora Ceres Karam Brum no artigo “*Maison du Brésil*: cotidiano, memórias e identidades de um território brasileiro em Paris”, traz agora um lugar habitado por uma política de moradia estudantil. A Casa do Brasil, pertencente a um complexo de residência estudantil, contempla funções administrativas complexas de políticas educacionais internacionais. Mas as histórias dos moradores se singularizam nas experiências geracionais e na própria experiência da autora que nos configura este território brasileiro em terras estrangeiras.

Breno Maciel Souza Reis nos instiga com o artigo “A experiência urbana e apropriação espacial a partir do jogo de realidade aumentada (ARG) Ingress”. Jogar é agora o verbo a ser conjugado para se falar na cidade, em lugares, em prédios e monumentos que são motivo de lutas e disputas, de ataques e de proteções. Afinal quem não sabe que a cidade precisa ser protegida? Para jogar é preciso ter acesso a “aparatos tecnológicos digitais de conexão contínua à rede e que se relacionam com o ambiente de maneira locativa”. Mas quem joga não está alheio a cidade de Porto Alegre, antes colocam suas experiências subjetivas em ação no contexto espacial, social e informacional.

A resenha de Ananda Andrade do Nascimento Santos sobre a obra do artista Alexandre Sequeira na localidade de Nazaré do Macajuba é indescritível. Não resulta de um estudo etnográfico, mas a carga emocional afeta aos praticantes deste ofício, que compartilham desta sensibilidade.

Para fechar com chave de ouro, trazemos o ensaio fotográfico intitulado “Tangência” do artista e antropólogo Jean Pierre Pierote Silva. O artista Jean desenvolve uma etnografia em Rio das Contas na Bahia que escreve na forma de dissertação de mestrado defendida recentemente na Universidade Federal de Goiás. O trabalho artístico faz parte desta dissertação mas aqui recebe destaque na forma narrativa de fotografias com intervenções de tinta acrílica, hipoclorito de sódio e desenho.

Ao finalizar a organização de mais este número quero agradecer ao trabalho competente da aluna de comunicação, bolsista desta revista neste período. Aline Silveira, obrigada por seu apoio e disponibilidade.